



O perfil jornalístico como composição textual discursiva do sujeito

Marta Regina Maia¹

Docente, Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo: Com o objetivo de expor e problematizar alguns perfis produzidos e publicados em livros por dois profícuos jornalistas, Eliane Brum e Fred Melo Paiva, esse trabalho apresenta, a partir do procedimento metodológico de análises de conteúdo e de narrativas, o modo como as narrativas são configuradas, tendo como base o processo relacional entre entrevistador e entrevistado, identificando ainda o caráter testemunhal do jornalismo e dos personagens retratados nesse contexto. As análises mostram que há uma diversidade de personagens e abordagens, que evidenciam o jornalismo de testemunho por intermédio dos personagens/fontes e dos próprios jornalistas na contemporaneidade.

Palavras-chave: narrativas; jornalismo; perfis; testemunho; sujeitos.

1. Introdução

O cotidiano abriga histórias que muitas vezes passam despercebidas pelos meios de comunicação. Entretanto, muitas dessas narrativas acabam contempladas nas reportagens de perfis, visto que não há necessidade de um acontecimento de grande reverberação para que a escrita desse tipo de texto apareça. A partir de pesquisa recente, em diversos veículos de comunicação, Marta Regina Maia (2020) afirma que “o formato perfil tem seu espaço garantido nas publicações (...) confirmando assim a relevância e a

¹ Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (PPGCOM/UFOP). Uma das coordenadoras da Rede de Pesquisa em Narrativas Midiáticas Contemporâneas (Rena-mi/SBPJor). E-mail: martamaia@ufop.edu.br

proeminência das histórias de vida nas revistas e jornais brasileiros” (p. 76); ela ainda acrescenta que “ não há descompasso entre a discussão contemporânea sobre os processos de visibilidade dos sujeitos e a ampla projeção que essas histórias adquirem no cotidiano midiático”. (p. 76)

Nesse sentido, as pesquisas que visam analisar e refletir de que maneira os sujeitos são retratados nas publicações jornalísticas representam importantes instrumentos de diagnóstico do campo e contribuem para o questionamento de avaliações que reservam ao jornalismo somente um papel reprodutor do real. Ao colocar esse formato na berlinda, evoca-se o lugar mais ampliado desse tipo de produção.

A prática jornalística envolve financiamentos, ideologias, anunciantes, leitores, além dos profissionais responsáveis. Isso quer dizer que não se pode argumentar que a autonomia seja a condição básica desse processo, mas não se pode, igualmente, falar que não existam tensões ou idiosincrasias nessa dinâmica. A presença ativa de jornalistas que são narradores das muitas histórias de vida que permeiam a esfera social corrobora essa perspectiva, afinal são muitos os perfis que preenchem e afetam o espaço narrativo, seja por intermédio de livros ou por matérias veiculadas pelos mais diversos meios de comunicação.

Com o intuito então de conhecer e problematizar alguns perfis publicados nos livros “A vida que ninguém vê”, de Eliane Brum, e “Bandido raça pura - e outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas”, de Fred Melo Paiva, esse trabalho faz uma análise de conteúdo de algumas dessas produções, assim como uma análise das narrativas, ao discutir de que maneira elas são configuradas, evidenciando assim a relação entre entrevistador e entrevistado nos perfis escolhidos. Ao empreender essa análise, pretende-se ainda problematizar o caráter testemunhal do jornalismo e dos jornalistas na contemporaneidade.

2. Sujeitos em evidência e o papel testemunhal do jornalismo

Parece existir uma confluência de situações e fenômenos que apontam para a presença cada vez mais acentuada dos sujeitos em exposição. As *selfies*, os *influencers*, as *lives* (intensificadas durante a pandemia do coronavírus), entre outras manifestações, conduzem as pessoas para um lugar de proeminência social na esfera pública. Esse cenário não é construído somente pelo aspecto individual, já que necessita também das instituições como suporte para essa constante aparição. As tecnologias informacionais assumem, de certa forma, esse papel essencial no sentido de dar visibilidade às pessoas necessitadas de exposição, inclusive como forma de validação social.

Nos marcos desse artigo não será feita uma extensa discussão a respeito dessa presença narcísica na atualidade, já que não é o objetivo principal, mas isso não impede, ao menos, a colocação de algumas questões que podem auxiliar a compreender um pouco mais essa situação tão complexa. Jurandir Freire Costa entende o narcisismo como “uma vertente do individualismo contemporâneo particularmente insensível a compromissos com ideias de conduta coletivamente orientados” (2004, p. 185), o que leva a questionar as ações das pessoas em sua experiência cotidiana. Ainda de acordo com Costa (2004) o corpo é um elemento fundante para a configuração da identidade do sujeito, que necessita viver de maneira aprazível, inclusive para conseguir obter certo reconhecimento social. Em outro texto, Jurandir Freire Costa (1988) questiona a cultura do narcisismo que leva à impotência e ao egocentrismo que impede a solidariedade social: “Neste clima de desorientação e ansiedade os indivíduos tendem a perder, em maior ou menor grau, o sentido de responsabilidade e pertinência sociais, por si já precários nas sociedades burguesas, particularmente naquelas subdesenvolvidas como a nossa” (1988, p. 169).

Além desse viés individualista, a superexposição das pessoas pode gerar ocorrências perigosas, como o caso de inúmeras mortes decorrentes de *selfies* em situações ou lugares inóspitos. Também direciona algumas pessoas para procedimentos cirúrgicos com o objetivo de se assemelharem com os resultados de aplicativos como o *Snapchat* (que permite o uso de filtros nas imagens). De acordo com matéria publicada na BBC Brasil, em 2018, 55% dos cirurgiões faciais atenderam, em 2017, pacientes que queriam aparecer melhor nos autorretratos. Outro dado instigante é que 56% dos cirurgiões per-

ceberam um aumento no número de clientes com menos de 30 anos de idade. Um terceiro aspecto que a cultura narcísica apresenta é o comportamento violento. Jurandir Freire Costa chama a atenção para esse aspecto, em especial, em situações de crise política, econômica, social e moral, que agudizam certas atitudes: “Na cultura da violência, o futuro é negado ou representado como ameaça de aniquilamento ou destruição. De tal forma que a saída apresentada é a fruição imediata do presente” (1988, p. 170). Essa “fruição” acaba acontecendo a partir de interesses particulares, sendo pouco afeita a processos cooperativos, como já citado no parágrafo anterior.

Ao refletir sobre o advento das *selfies* e a subjetividade contemporânea, Manuela Arruda Galindo (2018) também problematiza a questão da temporalidade, visto que se no passado a fotografia era tida como uma forma de lembrança, de recordação, nota-se que, hoje, o autorretrato parece cultivar o presente, e ainda de maneira performática: “A lógica do compartilhamento via web acrescenta à representação fotográfica do sujeito em determinado tempo a resposta sobre o lugar: “eu, agora, aqui”” (2018, p. 56).

O fascínio pela exibição, de acordo com Paula Sibilia “encontra terreno fértil em uma sociedade atomizada por um individualismo com beiradas narcisistas, que precisa *ver* sua bela imagem refletida no olhar alheio para *ser*” (2008, p. 263). Essa exacerbação, entretanto, justamente por seu radicalismo, pode problematizar o seu oposto, que é a noção de coletividade. Esse movimento ainda não está delineado de maneira precisa (e nem cabe no escopo desse artigo), entretanto, em situações de crise também podem surgir movimentos de trocas e compartilhamentos de histórias de vidas nem sempre marcadas por esse viés individualista, ou seja, o social está sempre aberto para todo tipo de manifestação. Cabe ao jornalismo conseguir traduzir essa dinâmica.

Como espaço de produção de sentidos, o jornalismo tanto pode referendar o discurso hegemônico como pode promover rupturas que suscitam outras perspectivas do real. Cabe aqui, mesmo que rapidamente, indicar a concepção que norteia esse trabalho. Compreendendo a narrativa mais que uma modalidade textual, essa investigação apoia-se na ideia de que “narrar é estabelecer um modo de compreensão do mundo, de configurar experiências e realidades, de comunicar-se com o outro” (LEAL, 2013, p. 28). Esse processo de comunicabilidade tem seu lugar assegurado nas inúmeras histórias que

circulam cotidianamente, sejam pelos meios tradicionais ou por novas formas de sustentação e financiamento de material comunicativo. No caso específico da produção de perfis, tem-se uma liberdade temática, na medida que não é um acontecimento específico, em geral, que norteia a estrutura textual (como é o caso de uma notícia, por exemplo). Assim, nos termos de Cremilda Medina (1993), aparece o “mediador-autor” que deixa “em primeiro plano os protagonistas da ação social” (MEDINA, 1993, p. 141). Afirmando esse lugar de observador ativo, o jornalista pode, como aponta Ana Cláudia Peres (2016, p. 94), surgir “também como uma modalidade de testemunho, o que significa ampliar as possibilidades de uma narrativa que não está em busca de uma suposta verdade absoluta e que apenas tangencia uma experiência à medida que parte de um evento narrado”.

Em capítulo de livro sobre o papel da mídia como testemunho, Paul Frosh (2009) argumenta que o ato de testemunhar não representa um fenômeno novo, mas “o advento e a expansão desses meios [de comunicação] parece ter aumentado substancialmente, se não transformado, o que significa testemunhar” (p. 50, tradução nossa). Como os jornalistas não podem estar em todos os lugares o tempo todo, os depoimentos das pessoas ocupam um lugar de destaque nas narrativas jornalísticas que engendram notícias, reportagens e histórias a serem divulgadas. Se, muitas vezes, esses testemunhos aparecem somente com o intuito de ilustrar ou até mesmo legitimar certos discursos, em outros, eles podem aparecer com o intento de oferecer narrativas como fruto desse testemunho direto.

Nesse movimento de circulação social “contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas” (RICOEUR, 2010, p. 129) Nessa perspectiva, é preciso, portanto, reconhecer esse processo de sociabilidade e refletir sobre o papel testemunhal que o jornalismo pode desempenhar. Como essa narrativa do “eu” também é mediada pelas narrativas jornalísticas, tendo, inclusive, um papel relevante nesse processo, é preciso indagar e refletir sobre os modos em que são produzidas. Antes, porém, é importante registrar o conceito de perfil que permeia esse trabalho e que irá ajudar a compreender melhor o estudo aqui exposto: “composição textual discursiva do sujeito a partir de determinadas angulações que traduzem as perspectivas

adotadas na escolha do perfilado, na captação e na edição” (MAIA, 2020, p. 52). A partir dessa definição é que será feita a análise a seguir.

3. Análise dos livros de perfis

Como já citado na Introdução, nos marcos desse artigo serão trabalhados dois livros de perfis. Como procedimento metodológico, utilizaremos a Análise das narrativas em associação com a Análise de conteúdo, entendendo que ambas podem nos ajudar a compreender os modos de configuração das narrativas, a constituição das experiências da relação entre jornalista e fonte/personagem e a temporalidade presente nas obras. Para compreender essa relação, será utilizada a tipologia de perfis definida por Marta R. Maia (2020). Com pequenos excertos da obra em questão, será feita uma descrição sintética de cada um dos tipos: *sucesso*: “Esse tipo de perfil chama a atenção pela qualificação que é dada ao perfilado; geralmente alguém que tem posses, status e influência” (p. 94); *exaltação*: “Esse tipo de perfil explora, ao máximo, os valores relacionados ao sucesso e às qualidades pessoais, conferindo ao texto um tom celebrativo, geralmente bastante adjetivado” (p. 95); *utilitário*: “Esse tipo de perfil oferece então as condições para que os indivíduos sigam determinados modos de vida, sigam determinados conselhos, determinados procedimentos” (p. 95); *ironia*: “pode conter severas críticas ao próprio entrevistado ao deixar implícito (mas perceptível) certos questionamentos ao jeito de ser do perfilado (...) Geralmente tem alto teor opinativo” (p. 96); *cronológico*: “a história de vida do perfilado surge de maneira sequencial, elegendo-se alguns momentos de destaque da trajetória do personagem escolhido” (p. 96); *humanizado*: “alguns textos são mais sedutores e contemplam a subjetividade de maneira predominante em suas linhas. Nesse tipo, deixam em segundo plano as questões mais objetivas como trabalho, realizações, entre outras, e mergulham na atmosfera mais subjetiva do entrevistado” (p. 97) e *complexo*: “Essa perspectiva refuta a noção de causalidade unilateral das situações, visto que uma situação específica pode ser resultado de múltiplas causas” (p. 98).

Nesse sentido, será produzida uma tabela com informações concernentes aos perfis escolhidos (personagem, breve descrição da história, tipologia) que contribuirá

para a análise de conteúdo do material. Além disso, as narrativas serão analisadas a partir da relação entre personagem/fonte e jornalistas em consonância com a reflexão sobre a temporalidade hegemônica presente em cada perfil. Especificamente, serão trazidas informações sobre os “abres” (*lead*) dos perfis por entender que o início de um texto serve para agenciar o/a leitor/a de um texto, assim como serão observadas algumas percepções de Fred Melo Paiva e Eliane Brum sobre os perfilados, com o objetivo de compreender o papel testemunhal do jornalismo.

Antes da análise, uma breve apresentação da jornalista e do jornalista, narradora e narrador das trajetórias em evidência nesse texto. Eliane Brum, uma das jornalistas mais premiadas do Brasil, tem uma larga trajetória profissional, tendo passado por grandes redações como o jornal *Zero Hora* e *Revista Época*, depois se constituído em pessoa jurídica, escritora e colunista. Dois de seus livros, “A vida que ninguém vê” e “Olho da rua”, trazem perfis, em geral, de pessoas anônimas, que têm muito que contar. Fred Melo Paiva, também já passou por grandes redações, tendo sido diretor de redação das revistas *Trip* e *Tpm*, editor-executivo da revista *Época Negócios*, entre outros. Ajudou a conceber “O Infiltrado”, do canal *History* e o caderno “Aliás” (*O Estado de S. Paulo*). O livro “Bandido raça pura e outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas” conta com perfis, de pessoas, animais e objetos que já tinham sido publicados em algum veículo, a maioria, no jornal *O Estado de S. Paulo*.

Vale registrar que os livros, no caso do jornalismo, têm proporcionado uma maior circulação dos perfis enquanto coletâneas que podem gerar novas formas de apropriação do material como um movimento de rememoração de produções que já foram veiculadas em outros meios, o que garante maior reverberação e perenidade para as histórias que estão sendo contadas.

Sob pena de ocupar muito espaço, não será feita uma tabela com todos os perfis publicados nos dois livros, pois o que interessa, nesse momento, é refletir sobre os elementos apresentados no início desse tópico. Assim, foram escolhidos, de maneira aleatória, cinco perfis de cada livro que serão descritos nas Tabelas abaixo:

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020

Tabela 1 – “A vida que ninguém vê”

Título	Fonte (personagem)	Descrição	Tipologia /Temporalidade	Marcadores da relação (Abre e Percepção testemunhal)
Adail quer voar	Adail	Adail trabalha como carregador de bagagens no aeroporto	Humanizado/ Presente / Futuro	Abre: fala da diferença das vidas que chegam no aeroporto como Adail, que chegou com “as mãos manchadas pelo sangue dos pinheiros”. Percepção testemunhal: “Adail viu o mundo e o mundo nem sempre viu Adail”
Enterro de pobre	Antonio	Antonio sepultou sua filha (bebê que morreu no ventre da mãe)	Complexo /Humanizado //Presente / Futuro	Abre: faz um breve resumo do sofrimento do homem que sequer pôde olhar para o bebê, visto que a funcionária do hospital não deixou. Primeiras linhas: “Não há nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida”. Percepção testemunhal: “Nada se encerrou para Antonio porque ele sabe que em breve estará de volta. E será tudo como foi”.
O sapo	Alverindo (Sapo)	Pedinte de Porto Alegre que não anda	Humanizado /Complexo /Cronológico/ Presente/ Passado	Abre: Ela começa falando que há cerca de 10 anos vê o sapo no chão, “Eu mirando seu rosto. Ele, os meus pés. Só dias atrás tive a coragem de me agachar e nivelar nossos olhares”. Percepção testemunhal: Ela parece só querer mostrar como é a vida “embaixo”
O gaúcho do cavalo de pau	Vanderlei Ferreira	Morador de rua que participa da Expointer com um “cavalo” em formato de cabo de vassoura	Complexo/ Humanizado //Presente/ Passado	Abre: Apresenta o personagem: “Dizem que ele é louco (...) Os patrões e também os peões dizem que ele é louco (...) Será?” Percepção testemunhal: Ela, de alguma forma, questiona qual o sentido da loucura, tanto que a última pergunta: - Tem gente que acha que você é louco... – A verdade é quem acha que eu sou louco não raciocina”
O dia em que Adail voou	Adail	Após ler matéria, empresa oferece viagem para Adail	Humanizado //Presente	Abre: Aparece como sequência do perfil anterior: “Lembram do Adail? O carregador de malas do Aeroporto Salgado Filho? Voou” Percepção testemunhal: Mostra a mudança que o voo produziu: “Adail até parecia o mesmo homem. Mas não era. Nunca mais seria”.

Tabela 1 – Elaboração própria

Tabela 2 – “Bandido Raça Pura e outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas”

Título	Fonte (personagem)	Descrição	Tipologia /Temporalidade	Marcadores da relação (Abre e Percepção testemunhal)
Cauby Peixoto	Cauby Peixoto	Faz um pequeno histórico da trajetória de Cauby	Complexo/ Cronológico// Passado /Presente	Abre: Apresenta Cauby a partir de uma de suas características, que é o acento do sotaque inglês. Percepção testemunhal: Cauby como perso-

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
3 a 6 de Novembro de 2020



				nagem: “ele nunca desce do palco”
Jamelão	Jamelão	Mesclando presente e passado, conta um pouco da história de vida	Complexo //Presente	Abre: “Jamelão é um sujeito que não gosta. Não gosta assim mesmo, com o verbo no intransitivo, tantas são as coisas que ele desgosta” Percepção testemunhal: evidenciou o aspecto “carrancudo” do personagem em todo texto.
Seu Luiz, caminhador do MST	Luiz Beltrame	Traz a história de Seu Luiz, que se transformou em militante do MST	Cronológico /Humanizado /Irônico //Passado /Presente	Abre: Prioriza não o personagem que aparece na penúltima linha de um longo abre), mas o MST (de maneira bem irônica). Percepção testemunhal: Traz, de maneira cronológica a história de seu Luiz, que parece estar um pouco “fora da curva” em relação às pessoas do movimento.
Rubão, o invasor da reitoria	Rubens Oliveira	Narra a participação de Rubão em uma ocupação na USP	Cronológico / Complexo /Irônico //Presente /Passado	Abre: Apresenta o Rubão como uma pessoa que mudou, mas não muito, segue sendo “um profeta a serviço de deuses e astronautas”. Percepção testemunhal: Definido como “esquerdista lisérgico e furibundo”, o personagem é traçado como certa caricatura de si mesmo.
Antônio Jorge, o mendigo da Paulista	Antônio Jorge	Texto (praticamente) como autorrelato do personagem	Cronológico /Irônico //Passado /Presente	Abre: O abre, e quase todo o texto, é um autorrelato de Antônio que se diz um “astrólogo autodidata”, uma espécie de líder espiritual. Percepção testemunhal: Com o texto todo entre aspas, denota, por um lado, que o personagem tem voz, e, talvez, por outro, que ele é bem arrogante.

Tabela 2 – Elaboração própria

Como o próprio nome do livro evidencia, Eliane Brum escreve sobre aqueles e aquelas que seguem em sua labuta diária, na maioria das vezes, de maneira invisibilizada. Como é o caso de Adail, carregador de malas de um grande aeroporto. Ele mesmo diz: “Os doutor me chamam assim, ó: ‘Ô, Negão!’”. Como na maioria dos perfis desse livro, ela faz uma apresentação do entrevistado e depois faz algumas perguntas no estilo “pingue-pongue”. Ao responder sobre o que “é chato nessa vida?”, ele mostra que presta bastante atenção no que as pessoas comentam, além de ter opinião sobre o mundo que nos cerca: “Me chateia quando aquele povo exibido que vai pros Estados Unidos desembarca falando mal do Brasil. Aí é lacaio (...) Os Estados Unidos podem ser cheio das democracia, mas vai ver como tratam os negão lá, vai ver” (p. 29). Um tanto profético, afinal em 2020, os EUA foram sacudidos por inúmeros protestos contra a morte de George Floyd, em Minneapolis, sufocado, com o joelho sobre seu pescoço, pelo policial branco Derek Chauvin.

A materialidade das palavras pode ser comprovada, nesse livro, por conta do oferecimento de uma viagem de avião para ele. Administradores da empresa TAM, após a leitura do texto de Eliane, resolveram financiar o sonho de Adail, que era voar de avião e pagar uma antiga promessa a respeito da cura de uma de suas pernas. Teve ansiedade, roupa nova, choro e satisfação: “Não é que o negão saiu lá do meio do mato e avoou?!” (p. 175). Nesse texto, de caráter um pouco mais descritivo, a maioria absoluta das falas veio dele mesmo, o que demonstra o caráter testemunhal dos personagens.

“Não nada mais triste do que enterro de pobre. Porque o pobre começa a ser enterrado em vida. Quem diz é Antonio” (p. 36). Com forte teor crítico, esse perfil fala sobre Antonio que enterrou seu bebê de 960 gramas que morreu ainda no ventre da mãe. Eliane, após relatar como aconteceu o enterro, diz que o texto poderia terminar ali, após três parágrafos, entretanto “às vezes é preciso contar uma história de mais de um jeito para que seja entendida por inteiro” (p. 37). E esta fala é mais uma evidência da complexidade da história.

Após discorrer sobre as dificuldades de Antonio, que sequer tinha dinheiro para pegar o ônibus e enterrar o bebê (teve que ir à pé), ela conta sobre os outros dois filhos doentes dele, dizendo que logo ele estará de volta ao cemitério, e “será tudo como foi”, “há 500 anos”. Ela termina dizendo que é preciso compreender que “a maior diferença entre a morte do pobre e a do rico não é a solidão de um e a multidão do outro, a ausência de flores de um e o fausto do outro (...) A diferença maior é que o enterro de pobre é triste menos pela morte e mais pela vida” (p. 39).

Ao trazer elementos da desigualdade histórica do Brasil, a repórter não se subordina ao texto fácil descritivo, sem relações com a estrutura social. É possível acionar a teoria da colonialidade do poder desenvolvida pelo sociólogo peruano Aníbal Quijano (2005) que compreende o poder na modernidade como elemento de construção da colonialidade como uma forma de manutenção do *status quo* (eurocentrado), fundamental para a manutenção do capitalismo, que sempre combateu as diferenças dos índios, negros e outros grupos em nome de uma certa homogeneidade. Assim, ele diz que a “raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade. Em outras pala-

vras, no modo básico de classificação social universal da população mundial” (QUIJANO, 2005, p. 118).

Nesse mesmo livro ainda há uma espécie de continuidade (no jargão jornalístico: *suite*) do perfil de Antonio, com título autoexplicativo “Depois da filha, Antonio sepultou a mulher”. Nesse texto, que conta mais um pouco sobre o que Antonio chama de “caminho do pobre”, Eliana relata a saga da esposa em busca de atendimento médico. Em dado momento, ele teve que ameaçar o hospital para conseguir uma ambulância para a esposa: “Vocês vão deixar ela morrer só porque eu sou moreno? Se demorarem mais um pouco, eu vou chamar a polícia” (p. 167).

Em outro texto, por intermédio de uma narrativa complexa e humanizada, Eliane traz a história de Alverindo, mais conhecido como “Sapo”, por causa de sua posição, sempre encostando a barriga no chão. Nesse texto, ele conta que nunca conseguiu andar e como se aventurou pelo mundo ao sair da área rural e enfrentar a cidade com o objetivo de mudar de vida. A jornalista informa que o pedinte tem uma espécie de protetor, que também é seu motorista nos dias que recebe mais dinheiro, e ainda tem uma companheira que o ajuda nas tarefas básicas.

Em outro perfil, ao questionar a ideia de loucura, Eliane rompe com qualquer paradigma de normalidade ao contar um pouco sobre a vida de Vanderlei Ferreira, conhecido como o “louco” da Expointer, tradicional feira de agropecuária que acontece em Porto Alegre, sul do país. A resposta de Vanderlei à última pergunta feita por ela, “– Tem gente que acha que você é louco...”, provoca diretamente o leitor sobre valores afeitos à normalidade: “– A verdade é que quem acha que eu sou louco não raciocina” (2006, p. 110).

Partindo da noção de jornalismo como testemunha dos acontecimentos e histórias de vida das pessoas (READING, 2014), é possível conhecer trajetórias de pessoas que dificilmente teriam suas histórias veiculadas nos meios de comunicação tradicionais. Eliane aproxima seu olhar desse cotidiano e escuta de maneira compreensiva: “Um ser humano, qualquer um, é infinitamente mais complexo e fascinante do que o mais celebrado herói (BRUM, p. 195). E ela vai além, no pós-fácio desse livro, ao dizer que

“somos todos mais iguais do que gostaríamos. E, ao mesmo tempo, cada um é único” (p. 195). Essa visão contribui para tensionar a escrita estereotipada, que acaba reproduzindo modos de ser sacralizados pela sociedade, como se fosse possível encaixar cada ser humano em padrões definidos a priori. Ao refletir sobre a escrita de perfis, Marta Regina Maia evidencia a necessidade dessa abertura: “A escrita por intermédio de códigos, de chavões de linguagem, sem o devido espaço para operações simbólicas, pode reduzir o processo de interação social, contribuindo assim para formatar o sujeito por intermédio da linguagem pré-concebida”. (2020, p. 117)

Nota-se, nos perfis escritos por Eliane que a percepção testemunhal que sobressai é a de uma mediadora social que busca compreender o jeito de ser de cada um ou cada uma. Esse reconhecimento das diferenças é fundamental para que a relação estabelecida ganhe contornos mais democráticos e produtivos, possibilitando um processo comunicativo generoso e solidário: “Reportagem não se faz apenas sujando os sapatos, como tantos já disseram. A reportagem é algo que exige um primeiro movimento radical: atravessar a larga rua de si mesmo (...). Não exige apenas suor, exige alteridade.” (BRUM, 2017, p. 364).

Fred Melo Paiva publica perfis de pessoas conhecidas e de anônimas. Uma das histórias mais intrigantes e criativas é a de Cauby Peixoto. O jornalista constrói a trajetória de vida de Cauby baseada na assertiva de que ele é um “personagem”, o que é confirmado pelo próprio cantor: “Eu não tenho um personagem. Eu sou um personagem” (p. 62). Alternando entre o presente, as apresentações do cantor no Bar Brahma, em São Paulo, e o passado, a carreira construída em termos de superexposição, esse perfil apresenta uma perspectiva irônica do perfilado. Abordagem semelhante a utilizada no perfil de Jamelão, que apresenta, como fio condutor, a característica “carrancuda” do artista. Fred Melo Paiva apresenta o “intérprete” em toda sua idiossincrasia, problematizando, de certa forma, a ideia simplista de que todo cantor vive em clima de euforia e felicidade, já que “Jamelão é um sujeito que não gosta. Não gosta assim mesmo, com o verbo no intransitivo, tantas são as coisas que ele desgosta” (p. 67).

Outro texto, também com forte acento irônico, na medida em que traz o contexto da marcha do MST a partir da crítica às incontáveis assembleias do movimento que é

chamado de exército “brancalônico” pelo jornalista, ele narra um pouco da vida de “Seu Luiz”, na época com 97 anos. Traz alguns aspectos históricos do personagem, como seus poemas, suas cantorias, sua saúde (tratada com “chá de quina”) e sua relação com as “estagiárias” do MST que “a-do-ra-ri-am tomar um chope com Seu Luiz na Merceria da Vila Madalena” (p. 104).

“Rubão”, que já foi estudante de filosofia da USP, funcionário público, tendo se transformado em escultor, depois cozinheiro e até militante petista, ao dar uma passada pela Universidade, viu uma faixa escrita “Reitoria ocupada” e resolveu ficar por ali mesmo. Participou do “bom combate”, ajudando na organização do movimento e das atividades cotidianas da ocupação até que decidiu que precisava voltar para “aguar as plantas lá em casa” (p. 110).

“Antônio Jorge, o mendigo da Paulista” difere dos demais por utilizar praticamente o recurso das aspas em todo texto (como um autorrelato). Mas logo no segundo parágrafo esse estilo é justificado: “Vamos desde já combinar uma coisa. Você não me interrompe. Eu estou aqui falando e vem você falar junto? O que é isso, nego? (...) Você me desculpe, eu estou só sendo sincero... Você não me interrompe” (p. 136). Tem-se aqui a história complexa do morador de rua que envolve “mãe descendente de inglês” e pai com ascendência alemã, irmão empresário e definindo-se como “astrólogo autodidata” que se alimenta basicamente de “frutas e cereais integrais” e que termina o “monólogo” dizendo “eu não sou mindingo. Eu sou um estrategista. Alguém que está aqui na sua frente tentando ser normal. Mas isso é bastante complicado”. (p. 141)

O jornalista Fred Melo Paiva mantém em quase todos os perfis uma abordagem irônica e com certa dose de humor, que conduz o leitor em uma dinâmica de leitura que aguça a curiosidade, justamente pelo texto atrativo e pouco convencional. Embora seja um texto bem autoral, já que emite opiniões bem marcadas, o jornalista também deixa entrever que sua capacidade observação é bem desenvolvida na medida em que aponta certas características singulares dos perfilados que poderiam passar despercebidos por outros interlocutores.

Outro elemento de análise, pensado a partir nas narrativas, é como o jornalismo articula as relações de temporalidade nos textos produzidos. Observa-se que no caso específico dos perfis, o presente é acionado para trazer as histórias à tona. Mesmo que o passado integre esse movimento, ele só é demandado a partir de questões da atualidade. Percebe-se, ainda, que o futuro aparece mais nos perfis de Eliane Brum. Ela costuma buscar relações entre os desejos dos entrevistados e seus possíveis desdobramentos. Já Fred Melo Paiva parece se fiar mais no passado para mostrar o presente. Esse elemento importa para esse estudo, pois indica que os perfis, ao menos os que são aqui estudados, são, em geral, configurados pelo tempo presente.

4. Considerações finais

A intersecção entre o conteúdo dos perfis analisados e as formas narrativas apresentadas levam ao questionamento sobre o papel do/a narrador/a autoral nesse material. Evidencia ainda como o jornalismo pode ser vislumbrado de maneira mais ampla, não somente a partir de uma visada mercantil ou tecnicista, podendo ser encarado como um espaço de tensões próprio do lugar cultural e social em que ele está inserido.

Esse movimento de trocas e afetações proporcionado pela circulação dos perfis que movimentam o espaço comunicativo, seja em jornais, revistas, sites, blogs, programas de TVs ou de rádio, impulsionam visadas individualistas, mas também expressam uma dinâmica que coloca os sujeitos em relação. A análise do *corpus* desse trabalho revela que os jornalistas narradores aqui mencionados buscam apresentar essas histórias de maneira aberta e plural, sem glamourização e sem banalização. Conseguem, assim, traduzir experiências a partir de suas vivências com o outro, assegurando ao jornalismo, tanto pelos narradores quanto por seus personagens, o seu lugar testemunhal.

Mesmo em situações aparentemente conflitantes, nota-se que os jornalistas estão atentos aos discursos, mas também aos lugares e objetos do entorno, o que traz maior vivacidade ao perfil e contribui para o agenciamento do leitor. A publicação de textos em coletâneas, como as que estão sendo avaliadas, reforçam essa perspectiva.

Mesmo acionando as histórias dos sujeitos pelo tempo presente, esse jornalismo narrativo consegue extrapolar uma noção corrente de que o seu lugar seria circunscrito ao “aqui e agora”. É possível dizer que o jornalismo e suas práticas estão associados às temporalidades de maneira ampliada, visto que o tempo presente não se configura sem os traços do passado e sem as fendas abertas para as expectativas do futuro.

A experiência sensorial entre entrevistado e entrevistador pôde ser percebida o material avaliado, visto que a afetação aparece no interior dos perfis. A presença hegemônica das tipologias “humanizado” e “complexo” corroboram essa análise. A jornalista e pesquisadora Sue Joseph sugere que um “ouvinte empático que recebe pistas de um assunto que conta um trauma e que responde adequadamente tanto a lágrimas quanto a silêncios prolongados está criando tempo e espaço para que o sujeito recontar informações em seu próprio tempo e à sua maneira. (2016, p. 223, tradução nossa). Não é possível aferir se esse tipo de experiência aconteceu nos 12 perfis aqui expostos, mas é possível perceber a pluralidade de pessoas e ideias que configuram as narrativas aqui apresentadas.

Referências

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006.

_____. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.

COSTA, Jurandir F. **O vestígio e a aura**: corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

_____. Narcisismo em tempos sombrios. In: BIRMAN, J. (org.). **Percursos na história da psicanálise**. Rio de Janeiro: Editora Taurus, 1988, p. 151-175.

FROSH, P. Telling presences: witnessing, mass media, and the imagined lives of strangers. In: FROSH, P; PINCHEVSKI, A. **Media witnessing**: testimony in the age of mass communication. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 49-72.

GALINDO, Manuela Arruda. *Selfies* e subjetividade contemporânea. In MONTARDO, Sandra P. **#selfies**: subjetividade e tecnologia. Porto Alegre: Sulina, 2018, p. 47-70.

JOSEPH, Sue. The Empathetic Profiler and Ethics: Trauma Narrative as Advocacy. In: JOSEPH, Sue e KEEBLE, Richard L. **Profile Pieces Journalism and the ‘Human Interest’ Bias**, p. 211-225, 2016.

LEAL, Bruno Souza. Jornalismo à luz das narrativas: deslocamentos. In: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de. (Orgs.). **Narrativas e poéticas midiáticas: estudos e perspectivas**. São Paulo: Intermeios, 2013, p. 25-48.

MAIA, Marta R. **Perfis no jornalismo: narrativas em composição**. Florianópolis: Editora Insular, 2020.

MEDINA, Cremilda de A. **Memorial** para concurso de titular junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP, 1993.

PAIVA, Fred Melo. **Bandido raça pura: e outros 35 perfis de ilustres mais ou menos virtuosos, notáveis anônimos, cães, ratos, urubus e coisas supostamente inanimadas**. Porto Alegre: Arquipelago Editorial, 2014.

PERES, Ana C. Narrar o outro: notas sobre a centralidade do testemunho para as narrativas jornalísticas. **Revista Galáxia** (São Paulo, Online), n. 31, p. 92-104, abr. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/20913/19080>. Acesso em: 11 fev 2020

QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 35-54.

READING, Anna. The journalist as memory assembler: non-memory, the war on terror and the shooting of Osama Bin Laden. In: ZELIZER, Barbie; TENENBOIM-WEINBLATT, Keren (ed.). **Journalism and Memory**. New York: Palgrave Macmillan UK, 2014. p. 164-178.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: A intriga e a narrativa histórica**. Vol. 1. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.